

Este trabalho descreve algumas configurações transferenciais de pais de crianças psicóticas, tanto em relação à criança, quanto em relação ao psicanalista. Consideramos que, dado que a transferência ocorre estruturalmente, em alguns casos diferentes pessoas (membros da família, professores, pais) repetem a mesma lógica de laço em relação a uma mesma criança psicótica, a quem fica atribuído sempre o mesmo lugar. Observamos que a elaboração de algumas configurações transferenciais dos pais em análise permitem alterações no laço transferencial estabelecido por eles com a criança. **Psicanálise; transferência; psicose.**

*THE SPEECH OF A
PSYCHOTIC CHILD'S
MOTHER*

*This article describes some transferrable configurations of parents for psychotic children in regards to both their children and the psychoanalyst. We consider that, as transfer occurs in a structural manner, in some cases different people (family members, teachers, tutors) repeat the same logic in regards to the same psychotic child, whom is allocated the same place. We see that the elaboration of some analyzed parents' transferrable configurations allow for changes in the transference link established between them and the child. **Transference; psychoanalysis; psychosis***

A DIMENSÃO DA ENUNCIÇÃO NO DISCURSO DA MÃE ACERCA DA CRIANÇA PSICÓTICA

Rogério Lerner

A Psicanálise tem se ocupado de longa data da função estruturante do Outro para o psiquismo do bebê. Muitos são os aspectos envolvidos nessa construção, sendo que várias vertentes teóricas têm se dedicado a estudá-los. Da mesma maneira, muitas têm sido as propostas de atendimento a pais que recorrem a psicanalistas na tentativa de obter uma ajuda para o filho, embora a transferência desses pais não pareça ser objeto de estudos mais detidos.

Abordaremos aqui algumas modalidades transferenciais que têm se apresentado na clínica psicanalítica com pais de crianças autistas, psicóticas ou esquizofrênicas.

Laznik precisa a lógica do laço bebê-pais a partir da leitura de Freud e Lacan: no autismo, trata-se do fracasso da instalação do circuito pulsional completo no tempo da alienação real ao Outro primor-

- Psicanalista, Psicólogo, mestre e doutorando pelo IPUSP, membro do Lugar de Vida, professor do curso de Psicologia da Universidade São Marcos.

dial; na psicose, tal alienação dá-se, estando impedida a operação da separação produzida pela metáfora paterna, que resta foracluída. Em relação à esquizofrenia, supomos haver uma vacilação na inscrição da pulsão como traço mnêmico, ou seja, a criança chega ao terceiro tempo do circuito pulsional, chega a se fazer fazer, mas, no momento do assujeitamento ou da incorporação do outro, há um recuo que ocorre na forma de uma fragmentação do outro, que resta como real, em partes percebidas.

A maneira como os pais se colocam na relação com a criança tem grande importância para os destinos da pulsão. Entretanto, não parece ser possível traçarmos uma tipologia parental que tenha uma correlação bi-unívoca com o diagnóstico do bebê ou da criança pequena, algo que chegasse a nos permitir uma previsão do quadro do filho pela tipologia dos pais. Atendendo pais de crianças portadoras de graves transtornos psíquicos, temos verificado alguns aspectos que, se não podem ser generalizados, podem trazer alguma compreensão acerca da transferência neste campo.

Nessa clínica, o trabalho com pais faz-se necessário na medida em que são eles que suportam o discurso a partir do qual assumem um lugar diante da criança. Ainda que o discurso não esteja caracterizado como tal para a criança, ela se afeta por ele, seja pelo mero contato com aqueles que Lacan caracteriza como falasseres, seja como ritmo, ou ainda, seja pelo lugar atribuído ao bebê pelos pais: a estruturação psíquica que ocorre na criança decorre do funcionamento dos mecanismos e registros psíquicos com os quais reage à lógica da relação proposta pelos pais.

Não é apenas no âmbito do enunciado, considerando aí até mesmo o patronímico, que o discurso se produz. Na esfera da enunciação, o discurso – caracterizado como sem palavras, como fórmula Lacan no seminário XVII – se produz engendrando tanto os lugares assumidos e atribuídos ao Outro pelo falante, como a lógica que traz conseqüências para tal laço. A dimensão da enunciação articula, ainda, a disposição dos significantes como operadores que ordenam o laço. Nessa medida, a escuta dos pais permite que tenhamos acesso à lógica da enunciação na qual o filho está colocado, a fim de que leiamos suas produções como respostas à mesma.

CARACTERIZANDO A ENUNCIÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO À CRIANÇA

A importância de destacarmos o âmbito da enunciação no laço dos pais com a criança parece residir em três pontos funda-

mentais: o primeiro é que os pais em questão não são necessariamente psicóticos.

O segundo ponto fundamental na enunciação é que, nessa clínica, não se trata de os pais não falarem com seus filhos. Eles até falam. O que parece ocorrer é que o lugar a partir do qual se endereçam à criança parece estar marcado pela recusa da barra que opera a divisão do sujeito na sua relação com o significante. Assim, os pais não podem supor um saber inconsciente arquitetado sobre o real do corpo infantil, saber que deveria ser lido em posição invertida, caracterizando seu desejo como demanda ao bebê. Em outras palavras, o simbólico da linguagem carece de eficácia na série em que tal filho está colocado. Duas conseqüências parecem delinear-se a partir disso: uma é que o lugar atribuído pelos pais é um lugar cheio de certeza. A segunda é a certeza de que não há o que supor. Embora alguns pais pareçam preferir algum dos dois estilos ao outro, é frequente sua oscilação entre essas duas modalidades.

O terceiro ponto fundamental reside no fato de que, no discurso e, conseqüentemente, na transferência, trata-se de uma extensa e complexa rede na qual tanto o pai quanto a mãe, e não raro alguns avós, estão capturados. Apesar da particularidade das posições e usos que cada um faz do lugar assumido, parece haver uma certa unanimidade na enunciação que caracteriza o lugar da criança. Por mais diversas que sejam as produções imaginárias de cada um dos participantes acerca da criança na rede discursiva, o efeito da enunciação parece ser comungado entre todos, orientando a lógica da relação que se estabelece com a criança.

ENUNCIÇÃO E TRANSFERÊNCIA

As duas conseqüências do fracasso do simbólico no discurso no qual a criança está colocada – a saber: que o lugar atribuído pelos pais é um lugar cheio de certeza ou a certeza de que não há o que supor na criança – parecem produzir, a propósito da criança, duas possibilidades de enunciação que não são excludentes, podendo se combinar. Na primeira, exageradamente imaginária, é como se não houvesse criança para tamanho poder atribuído a uma mãe. O que vale não é a certeza, seja ela qual for, aplicada à criança, mas a própria certeza de que a mãe tem certeza. A certeza da mãe não guia as pessoas à criança; pelo contrário, a criança é vista e muitas vezes se presta a guiar as pes-

soas em direção a uma mãe toda-certeza. Na segunda, avesso da primeira, não há mãe para uma criança-nenhuma. Essa parece ser a face do real em que se precipita a enunciação quando depara com o fracasso da certeza. Dado que não se trata de adultos psicóticos, e mesmo que se tratasse, tal fracasso se faz notar. Nessa modalidade, tal fracasso é vivido como a falência da mãe toda-certeza. Uma vez que era a única mãe possível, resta não ser possível mais mãe nenhuma. Não há mãe possível para esta criança impossível, insuportável ou inviável. Tanto a versão impossível quanto a toda-certeza da mãe são acompanhadas de ódio ou raiva pela criança: a mãe toda-certeza pensa conhecer muito bem as razões pelas quais nutre tais sentimentos pela criança. Na situação de impossibilidade de mãe, as razões dessa impossibilidade são certamente atribuídas à criança, o que também justifica os sentimentos de ódio ou raiva.

A mãe da criança não é a única a configurar tais modalidades de enunciação. É como se todos os partícipes atrelassem a criança a uma das duas, ou ambas, modalidades de mãe. Por mais que se oponham aos desmandos dessa mãe, por mais que se indignem com sua displicência, não conseguem caracterizar outra versão de mãe ou pai para esta criança. A forclusão da instância paterna em relação ao âmbito da enunciação, ainda que o pai esteja aí e fale, se faz notar tanto na modalidade de gozo na qual a criança está capturada, como na certeza que caracteriza tal captura. Dessa maneira, é freqüente que se refiram delírios acerca da criança, ainda que os delírios não sejam compartilhados, no seu conteúdo, pelas pessoas envolvidas.

Quando trabalhamos com pais como os que estamos caracterizando é importante permitir e até propiciar que tais delírios sejam desdobrados sob transferência. Os inevitáveis encontros desses delírios com impasses para seu desdobramento são vividos pelos pais como a morte. Sob transferência, esta morte pode estar dirigida ao analista, ainda mais quando caracterizado imaginariamente como uma instância paterna. Apagam-se as diferenças de posição que caracterizam, para o casal, sua sexualidade como sintoma. Diante do analista, colocam-se como irmãos: cada um dos cônjuges se queixa da invasão que o outro cônjuge representa na sua vida. Sua rivalidade permanente e intensa só é abrandada pela comunhão em torno da criança a fim de usá-la como objeto de transgressão da lei que supõem ser do analista. Ainda, os pais podem montar um jogo de cena onde exibem aquilo que supõem ser o ideal de cuidados em relação à criança nutrido pelo analista ou pela instituição onde o tratamento ocorre, sem que a demanda para a criança seja efetiva. As inicia-

tivas interpretativas do analista podem ser rechaçadas, ignoradas ou simplesmente desafiadas. A mortificação do analista pode se dar na tentativa de resumi-lo a um testemunho do poder de certeza da mãe toda-certeza.

A dimensão da morte pode estar colocada do lado da criança: pode ser caracterizada como alguém que nunca vai aprender algo de útil ou falar; pode ser vista como o produto de uma gravidez anterior à sua que foi abortada; pode ser vista como alguém que certamente não entende o que lhe dizem ou como alguém que só responde no tapa, sendo que, uma vez que nunca lhe é atribuída uma resposta, sempre lhe são atribuídos tapas. Ainda, pode ser vista apenas no presente e na presença da mãe, a ponto de o futuro não ser mais do que a extensão do manto da morte, para além da vida da mãe. As iniciativas do analista no sentido de recobrar a vida da criança e fazê-la aparecer nos enunciados dos pais podem permanecer estereis diante do abismo onde a criança está colocada, como se o analista fosse o responsável pela garantia da vida simbólica da criança, justamente para que tal dimensão esteja apartada e inoperante em relação ao destino funesto que a mãe, depressivamente triunfante, reserva à criança, mantendo a instância paterna meramente como espectadora.

A morte colocada no lado da mãe pode manifestar-se pelo reconhecimento e leitura de produções significantes da criança, embora a mãe não consiga dar continuidade e encadeamento a elas.

Seja qual for a localização e expressão da morte na enunciação dos pais sob transferência, parece-nos necessário que o analista inicialmente a tolere. Seu desdobramento pode ser dirigido à fonte discursiva a partir da qual as posições de cada falante se constróem. Estamos nos referindo ao complexo de Édipo de cada um dos pais. Ainda que não se trate da análise dos pais, parece ser lícito que busquemos aí seus impasses na constituição da sexualização, passo preliminar e decisivo para o desdobramento da simbolização do falo. As passagens entre filha, mulher e mãe, bem como filho, homem e pai, não se dão sem impasses, e ficam obstacularizadas nos casos em questão. Pela nossa experiência, quando a modalidade de enunciação dos pais em relação à criança pode ser articulada - após um longo percurso associativo - a um significante que marque a posição em relação ao seu Édipo, aí então o poder de escanção do discurso dos pais parece se tornar mais efetivo. Se não se trata da construção do fantasma em análise para os pais, talvez possa se tratar de uma mudança enunciativa que venha propiciar inscrições com as quais as operações psíquicas fundamentais possam ocorrer para a criança. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1987.
- (1923). Organização genital infantil. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1987.
- Laznik-Penot, M.C. (1991). Os “nãos” do pai. In: *Vários. O sujeito, o real do corpo e o casal parental*. Salvador, BA: Ágalma.
- [org.]. (1994). *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Salvador, BA: Ágalma.
- (1997). Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística? In: Wanderley (org), D. B. *Palavras em torno do berço*. Salvador, Ágalma.

Recebido em março/2002.